



**Espanha**  
Natureza, arte e  
arquitectura entre  
Aragão e Catalunha

Fugas



**História**  
Há três séculos  
um furacão atingia  
Lisboa. Sim, leu bem

Ciência e Ambiente, 38 a 40

CARLOS BECERRA/GETTY IMAGES

**Público**

**Reportagem**  
**Os portugueses**  
**que fizeram da**  
**Venezuela a sua casa**

Destaque, 4 a 9

# **Falha na lei trava acesso público aos rendimentos dos candidatos a Belém**

Lacuna legal no controlo público da riqueza dos titulares de cargos políticos e equiparados arrisca impedir

o acesso aos rendimentos e património da maioria dos candidatos à Presidência da República antes das elei-

ções de dia 18. Apesar de os 11 candidatos terem entregado as declarações obrigatórias, apenas três estão aces-

síveis, por terem sido submetidas há mais de 30 dias. As restantes permanecem “não publicadas” devido a

um regulamento que prevê esse prazo, inviabilizando assim o escrutínio pré-eleitoral **Política, 16 a 20**

**Mercosul**  
**Bruxelas fecha**  
**o maior acordo**  
**comercial**  
**da sua história**

Economia, 33

**Saúde**  
**Tarefeiros**  
**alertam Marcelo**  
**para risco nas**  
**urgências**

A fechar, 55

**Colecções de arte**  
**Ellipse e BPP**  
**terão acordos**  
**distintos com**  
**Serralves e CCB**

Cultura, 42/43

**Médio Oriente**  
**Irão isola-se**  
**do mundo para**  
**tentar conter**  
**revolta nas ruas**

Mundo, 28/29 e Editorial

**Hoje Os Livros de Culto**  
**da Cozinha Portuguesa**  
Vol. 3  
Por +  
**12,00€**



ISBN-0872-1548



# “Na Venezuela, até há restaurantes chineses nas mãos de portugueses”

Portugueses e descendentes registados são acima de 194 mil. Da construção ao comércio, abriram caminho a novas gerações

## Reportagem

Ana Dias Cordeiro

A tensão que já se vivia na Venezuela entrou na vida da comunidade portuguesa, de forma mais palpável, em 21 de Novembro, pelos alertas da Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos de que a actividade militar crescente aumentava o risco de viajar para o país. Era o prenúncio do que veio a acontecer a 3 de Janeiro.

Entre as companhias aéreas que, por causa desses alertas, suspenderam todos os voos entre os dois países estava a TAP, e isso aconteceu logo em 22 de Novembro. Uma semana depois, o Governo de Maduro retaliava contra essas mesmas companhias, proibindo-as de voar para a Venezuela, e o Presidente dos Estados Unidos anunciava o encerramento do espaço aéreo em torno do país da América Latina.

Fernando Topa, um dos seis conselheiros das Comunidades Portuguesas na Venezuela, teve de rever os seus planos. Estava em Portugal, onde tem toda a família desde 2020. Mas deveria ter regressado em Novembro. Agora, aponta para o mês de Março, mesmo sem saber o que vai acontecer.

“Temos lá todos os nossos bens. Já não tenho negócios, mas tenho casa, carros e outros bens.” Como muitas pessoas da comunidade, não quer deixar a casa fechada, ao abandono. Emigrou em 1979, começou na construção e fez-se grande empresário, como muitos portugueses, na área da distribuição alimentar. “Tínhamos dois supermercados de uma cadeia local de origem portuguesa, da Madeira, que agora tem 27 supermercados em Caracas. Somos líderes no distrito de Caracas”, diz.

Além do cargo de conselheiro, foi presidente do Centro Português de Caracas e da Fundação Instituto Português de Cultura, uma



organização não-governamental fundada há 40 anos para difundir a cultura lusófona. Apesar de se dizer aposentado, continua a ser um homem de muitas tarefas. E, desde que a mulher, os filhos e os netos voltaram definitivamente a Portugal, ele vive entre Caracas e Vila Nova de Gaia.

## Redes sociais e RTP Internacional

Também Leonel Moniz, outro conselheiro, mantém os seus negócios de muitos anos, embora com limitações que o obrigaram a reduzir de 17 para dez o número de funcionários do maior de dois dos seus supermercados, que era especial: "Ocupava dois pisos", descreve. Isso era no tempo em que comprava os bens a países vizinhos para depois os vender na Venezuela. "Muita gente foi diminuindo o seu negócio. Não temos o capital necessário para crescer."

Vive em Valência, conhecida

como a capital industrial do país, e onde a vida não é muito diferente da vivida em Caracas. Na noite do ataque, eram 3h da madrugada, ouviu bater à porta. "Era o meu irmão." Apercebera-se de qualquer coisa. "A televisão deixou momentaneamente de transmitir. Uns instantes depois, retomou, mas para voltar à programação normal como se nada tivesse acontecido", conta Leonel Moniz. "Não entendíamos bem o que se estava a passar. Fomos acompanhando os acontecimentos através das redes sociais e nos dias seguintes através da RTP Internacional e da televisão espanhola."

"Não podemos negar a preocupação extrema pela situação no país", diz, embora ainda não tenha recebido pedidos de apoio da comunidade. "As pessoas esperavam que isto pudesse acontecer, mas antes e não agora. No mês de Dezembro, por ser o mês do Natal, desligaram, pensando que um ataque não poderia ocorrer

nesta época. Não poderiam estragar o Natal aos venezuelanos, diziam. Somos um país cristão, e teria sido muito difícil", continua, lembrando a importância das celebrações do Dia dos Reis, no dia 6 de Janeiro.

Num processo do qual ele próprio, hoje com 62 anos, fez parte, a comunidade portuguesa começou por se concentrar na capital, Caracas, para depois se espalhar por outras cidades, desenvolvendo iniciativas para se juntarem. "Temos as nossas associações organizadas pelos portugueses ou lusodescendentes, a que chamamos clubes. Com o tempo, multiplicaram-se também pelo resto do país, à medida que a comunidade passou a estar em todo o lado", diz o empresário, dando os exemplos de Valência, no estado de Carabobo, Maracaibo, no estado de Zulia, ou Barquisimeto, no estado de Lara, como algumas das cidades que se seguiram, como destino de portugueses e lusodescendentes.

O interesse pela aprendizagem da língua portuguesa depende muito

## Comércio e integração Supermercados, padarias e restaurantes mostram como os portugueses estão integrados no quotidiano de Caracas há várias gerações

## Depois do ataque dos EUA Em Caracas, a vida continua entre alertas de segurança, falhas de informação e a adaptação diária a um clima permanente de incerteza

de pessoa para pessoa, da geração a que pertence e das perspectivas profissionais. Mas não há, de forma geral, um grande interesse por aulas de Português, continua. "Em tempos, com o fabricante da Four Motors no país, tínhamos muitos executivos que queriam aprender o português para fazerem negócios no Brasil. Várias pessoas importantes dessa empresa frequentavam as aulas de Português", recorda.

Da mesma forma que aprender a língua não era uma prioridade, tratar dos documentos para ter a dupla nacionalidade não era visto como uma urgência. "Fui percebendo que muitos não trataram desse assunto por viverem longe de um consulado, por exemplo, ou porque não tiveram a consciência de que era não uma oportunidade, mas um direito."

As sucessivas crises na Venezuela forçaram as pessoas a despertar para a necessidade de saírem do país. A dupla nacionalidade abria perspectivas fora da

# Destaque Ataques e ameaças dos EUA

América do Sul, e não apenas para um regresso às raízes em Portugal e, em particular, na Madeira. "Muitos escolheram outros países: Inglaterra [antes do "Brexit"], Alemanha, Dinamarca. Muitos estão na Espanha."

## Damas portuguesas e Academia do Bacalhau

As estatísticas mais recentes do Observatório da Emigração, revistas no ano passado, são de 2023, quando havia 194.356 registos no Consulado de Portugal; dez anos antes, em 2013, o número mais elevado dos últimos 18 anos tinha sido atingido com 300 mil registos.

Fernando Topa acredita que serão muitos mais, a rondar os 600 mil até à quarta geração de lusodescendentes. "Há portugueses em todas as esquinas do país." No comércio, nos supermercados, padarias, restaurantes. "Até há restaurantes chineses nas mãos de portugueses!", exclama. A presença lusa também é muito notada pelas associações, de que é exemplo a Academia do Bacalhau, que nasceu em 1968 na África do Sul, e se estendeu depois a países da diáspora. A Sociedade de Beneficência das Damas Portuguesas, criada em 1969, desenvolvendo um papel importante na recolha de fundos a favor das pessoas mais vulneráveis ou com poucos recursos, é outro exemplo dado por Fernando Topa para reflectir as formas encontradas pela comunidade para se manter unida.

Quando saíram da Venezuela, com a crise humanitária de 2015, o filho de Fernando Topa veio directo para Portugal, mas a filha foi para o Chile. "A partir desse ano, houve uma saída brutal." Há uma grande comunidade no Chile e no Panamá, exemplifica.

"Outro fenômeno recente é a constituição de uma comunidade a surgir em Miami", no estado norte-americano da Florida, diz. A partir da Florida, a investigadora argentina ainda ligada ao Iscte-IUL Beatriz Padilla justifica a falta de estatísticas rigorosas sobre os portugueses na Venezuela, bem como daqueles que seguiram para países na América do Sul ou para os Estados Unidos.

Directora do Instituto para os Estudos da América Latina e das Caraíbas e professora associada da Universidade do Sul da Florida, em Tampa, onde reside, Beatriz Padilla concorda que serão muitos mais os lusodescendentes na Venezuela da primeira até à quarta geração do que os números reflectidos nestes registos de pouco mais de 194 mil. Mas não arrisca números.

"Os luso-venezuelanos ou são



### Alejandra Rodríguez

**A jovem de 24 anos veio para a Madeira, onde começou a vida do zero em 2017. Com tempo, fez amigos e aprendeu o português**

### Carlos Fernandes

**Iniciou-se na política com 16 anos na Venezuela (em cima). Hoje é deputado do PSD-Madeira**

### Fernando Topa

**Chegou a Caracas há 46 anos, fez-se empresário e é um dos seis conselheiros das Comunidades Portuguesas na Venezuela**

portugueses ou venezuelanos, ou têm a dupla nacionalidade. Às vezes aparecem nas estatísticas como uma coisa ou como a outra, dependendo se se registam como venezuelanos ou como portugueses", diz a professora universitária, que fez investigação sobre o tema na Madeira. É da ilha que vem "a maior parte da comunidade na Venezuela".

"A partir do início da crise humanitária, por volta de 2014 e 2015, várias coisas foram acontecendo, e a escolha do passaporte e de como a pessoa se regista depende de várias outras questões." A crise humanitária foi "também política, económica, social" num país que tem uma população residente oficial de 28,4 milhões de pessoas. "As pessoas não tinham comida, não tinham Internet, não tinham água. Algumas eram perseguidas. Para sair, a pessoa precisava de documentos. E os que não tinham documento nenhum acabaram a ir para a Colômbia, que tem uma fronteira

mais porosa."

Isto aconteceu com os venezuelanos, em geral, mas também com a comunidade portuguesa. "Na América Latina, havia países menos exigentes e outros mais exigentes no que dizia respeito à documentação necessária. Mas aqueles que



MANUEL ROBERTO



queriam viajar para a Europa ou outros países – como os Estados Unidos – precisavam de passaporte."

Os registos consulares na Venezuela revelam grandes oscilações, mostram os dados do Observatório da Emigração entre 2008 e 2023. Mas o que está neles



GREGORIO CUNHA

reflectido, concretamente? “Quando nascem, são venezuelanos e, para serem portugueses, têm de pedir a nacionalidade nos consulados. Em Portugal, temos muitos venezuelanos que estão registados como portugueses. Eles não são visíveis enquanto venezuelanos, nas estatísticas.”

Os mais de 190.000 portugueses registados como estando na Venezuela são os que nasceram em Portugal e se registraram nos consulados ou os que solicitaram a nacionalidade portuguesa. “Há muitos mais, além desses, que não se registraram nos consulados nem pediram lá na Venezuela, juntos dos consulados, o passaporte”, enquadra Beatriz Padilla. “A partir de 2015, chegou um número relevante de venezuelanos, o que basicamente revolucionou a Madeira.”

Foi o caso de Alejandra Rodríguez, com a sua história inscrita nessa crise que perdurou. Ao fim de algum tempo, fez amigos e aprendeu o português, mas não

viveu com naturalidade a vinda em Setembro de 2017. “Tinha a minha vida toda lá, a minha família, os meus amigos. E foi também um choque cultural. Os pais do meu pai faziam parte dos portugueses que tinham saído da Madeira por causa da pobreza. Eles deixaram uma Madeira muito empobrecida, e agora voltavam, em 2018, por causa da crise humanitária”, diz, notando a ironia da reviravolta na vida de tantos madeirenses.

“Nos protestos de 2014, eu era muito nova, tinha 12 anos. Mas em 2017, com 15 anos, já foi diferente. Eu sentia uma raiva e uma vontade de participar. Os protestos marcaram esse ano para mim”, diz. “Não conseguia ir à escola, nem eu nem a minha irmã, Ana Cristina. Morava em Chacao (Caracas), na Avenida do Libertador, e os protestos rodeavam a minha casa, era muito perigoso sair de casa e quando saímos tínhamos de chegar cedo porque à noite começavam a lançar gás lacrimogéneo”, conta a jovem de 24

**“A partir de 2015, chegou um número relevante de venezuelanos, o que basicamente revolucionou a Madeira”**

**Beatriz Padilla**  
Investigadora do Iscte-IUL  
e professora na Universidade  
do Sul da Flórida

anos, filha de um dos cinco presos políticos portugueses, Juan Francisco Rodríguez.

#### Emigração mais tardia na Venezuela

As suas duas filhas gémeas não eram nascidas quando o Presidente Hugo Chávez foi eleito, em 1998. Mais tarde, justificou a deriva autoritária das suas políticas com a necessidade de um maior controlo depois do golpe de Estado fracassado de Abril de 2002, iniciando um período em que muitas pessoas deixaram para trás o que tinham construído.

“Quem tinha passaporte português procurava ir para Portugal, Espanha e Itália”, explica Beatriz Padilla. “E isto também porque foi destes países do Sul da Europa que se deu uma emigração mais tardia para a Venezuela, numa época em que já ninguém emigrava para a América Latina.” Isso aconteceu porque a Venezuela era

um país rico, muito por causa do petróleo. Antes tinha sido a Argentina. “Ora, essa emigração para a Venezuela entre o fim dos anos 1960 e a década de 1970 coincide com a vaga de emigração forte portuguesa”, continua a investigadora académica.

“Embora muitos tenham ido para a França e outros países europeus, alguns foram para outros lugares, como por exemplo a Venezuela, e o mesmo aconteceu com a emigração da Espanha e da Itália nestas décadas do pós-guerra. Os vínculos de sangue na Venezuela com estes países são os mais fortes”, conclui, explicando porque também muitos lusodescendentes vieram para a Europa sem necessariamente virem para Portugal. “Com passaporte português podem ter ido para qualquer um destes três países. Muitos voltaram para a Espanha”, diz, concluindo que, para a Venezuela, os que emigraram até mais tarde foram os portugueses, “porque ainda precisavam de sair”, já depois dos anos 1970.

A partir daí, foram as segundas e terceiras gerações desta primeira vaga, com filhos e netos, que construíram esta comunidade e diversificaram os sectores nos quais trabalhavam e as profissões, passando cada vez mais a haver lusodescendentes licenciados, como engenheiros ou arquitectos, ou a trabalhar na função pública, em profissões liberais, como advogados ou médicos. Outros continuam nos negócios da família.

Parte de uma segunda geração de emigrantes na Venezuela, Carlos Fernandes fez a escolha que o levaria a deixar o país em 2016. “Nesse ano, começou a ficar tudo pior”, diz o agora deputado do PSD na Assembleia Legislativa da Madeira, a partir do Funchal.

Aos 16 anos entrou na política. “Pensei ser importante ter uma parte activa. Preocupava-me o que estava a acontecer à minha volta, com ataques à liberdade de expressão, ameaças por declarações feitas publicamente”, descreve sobre a situação por volta de 2007. Seis anos depois, foi candidato a vereador pelo Partido Primeiro Justiça, na oposição.

Carlos Fernandes ganhou notoriedade, a família começou a sofrer retaliações: o pai na padaria, que tinha ao lado um bar; a mãe, no restaurante. “O presidente da câmara dava ordens de fiscalizações sucessivas ao meu pai. A Guarda Nacional começou a aparecer e a pôr problemas todos os dias.” A par disso, Carlos Fernandes tinha amigos detidos, que tinham fugido ou estavam a ser perseguidos. “Eu decidi vir para a Madeira, que é a terra dos meus pais. Para não ser o próximo.”